

TRANSCRIÇÃO

S2357J3 - ces 31.03.2015 I

14 de dezembro de 2015

PARTICIPANTES

Vozes masculinas não identificadas: M

Vozes femininas não identificadas: F

Carlos Alberto Caetano, Giancarla, Geni, Ambrósio, Sueli, Neuso, Marlene, Maria Sueli, Ezelina, Maria Dalva, Marcelo, Leila Maria, Elisabete, Elen, Mara, Lúcia Helena, Luciana, Rodrigo, Daniela, Jesse, Ediandi, João Inácio, Elaine, Tania, Raquel, Joanice, Marcelo, Edson, Siriana, Maria Cristina, Eliberto, Antônio José, Siriana Adélia, Valdelice, Adriano, Tiago Luiz, Aqueslaine, Gloria Antônia, Vilma, José, Noemi, Leida, Eliete, Edna, Iraci, Monica, Aparecida, Adriana, Maurício, Marisa, Marcione, Sandra, Ana Maria, Luciana, Lúcia, Flávia, Isdenil, Hilda, Jacildo, Margarete, João, José, Devanir, Rosemeire

TEMPO DE GRAVAÇÃO

01 hora, 34 minutos e 29 segundos

MODALIDADE DE TRANSCRIÇÃO

Padrão

LEGENDA

... → pausa ou interrupção.

(inint) [hh:mm:ss] → palavra ou trecho ininteligível.

(palavra) [hh:mm:ss] → incerteza da palavra transcrita / ouvida.

(palavra) → siglas ou nomes próprios.

(INÍCIO)

[00:00:00]

M: Nas instancias públicas, seja ela municipal, estadual e federal. E as circunstancias históricas, exatamente a mudança, a necessidade de mudança que a sociedade exige que você tem que se parar as instancias entre a elite e o povo, mesmo você sabendo ou não, mas tendo conhecimento para que a democracia na sua plenitude, que é com a educação, seja aplicada a toda a população. Então reflete muito bem este momento, este local e a intenção desta conferencia desta reunião e o

quilate de cada um que aqui está e a divergência de conhecimento que nós estamos aqui colocados é justamente por isso, pela divergência em construir algo comum extremamente democrático e que diminua as distancias entre a esfera estadual e a federal, aqui no caso o segmento da área da saúde, que é o desejo de todos que vieram e que estão aqui dos municípios. É isso.

Carlos Alberto Caetano: Meu nome é (Carlos Alberto Caetano), eu sou também do (Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial) e participo também do (CIES) na (Saúde). A minha reflexão é no sentido da profundidade de nós termos que buscar hoje quando a gente fala da questão da democracia, eu acho que a gente tem que conseguir transpor a discussão que está posta no nível das diferenças de classe e entrar no nível da subjetividade mesmo e da intersubjetividade. Você não constrói saber sem o outro, não existe eu sem o outro, é alteridade, é uma questão que está para além da superficialidade de uma luta material, é o sentido, é o sentimento. Quando a gente vê hoje a organização popular voluntária nas ruas é porque alguma coisa diferente está tocando o coração dessa nação para o desejo de mudança e a gente, nesse momento que está pensando o início de um processo como esse, que é a conferencia, tentar buscar essa dimensão intersubjetiva que está no outro, a necessidade, porque junto com ela vem, de novo, o resgate da ética, do compromisso, da responsabilidade, não há como nós não termos o olhar para essa situação quando a gente fala hoje da palavra democracia como um saber, um saber construído coletivamente, conforme está colocado ali, e que por questões inclusive históricas, a transformação que está sendo colocada hoje já estava posta e ela precisa seguir em frente e a gente precisa ser as forças, uma correia de transição dessas forças no sentido de que cada vez mais a

democracia possa se consolidar rumo a uma democracia plena mesmo, com participação de todos.

F: Como o (Carlão) disse e outros aqui, (Paulo Freire), nesse pequeno trecho dele aqui, só um comentário, ele está referindo também ao saber, e que não existe saber maior ou menor, existem saberes diferentes, e é isso que nós estamos trazendo aqui.

Giancarla: Meu nome é (Giancarla), bom dia a todos, estou aqui representando a escola de saúde pública. Eu tenho uma preocupação quando se fala em democracia. Muitos colegas aqui já falaram muito bem, inclusive a nossa colega ali disse que na teoria é tudo muito lindo, na prática nós vemos uma realidade diferente. A democracia nós não sabemos ainda exercê-la de fato como ela deveria ser exercida, para começar aqui nessa arena. Quem está sendo representado? Quem estamos representando? O que queremos? Quando o nosso colega ali falou que existe muitos excluídos, sim, mas eles participam de alguma forma? Aqui mesmo, nesse espaço, quantas pessoas foram convidadas e quantos estamos presentes? E aí o nosso cuidado, essa realidade precisa ser transformada. Que nós tenhamos a humildade também nesse momento de colocar aqui as nossas aflições e entender que nós não estamos aqui nos representando, nós representamos uma classe, nós representamos aqueles que por muitas vezes não têm uma voz muito ativa, não porque ele não queira, é porque também temos medo, porque exercer a democracia não é fácil, ela requer, como o nosso colega falou, responsabilidade, comprometimento, ética. Então é só essa questão que eu quero que nós tenhamos essa clareza e esse cuidado. E que Deus abençoe nossos trabalhos, porque estamos de alguma forma aqui representando pessoas que necessitam. Um abraço a todos.

M: Bom dia a todos e a todas, equipe técnica, ouvidoria, assessoria jurídica, conselheiros municipais, estaduais. É com grande satisfação que nós vemos esse momento de reflexão, de trabalho, de trabalho em equipe, de exercício da democracia. O texto é bastante reflexivo. Em que sentido? Eu vou endossar a fala da colega aqui, qual é o nome da senhora? (Giancarla). No primeiro tópico, a democracia como saber, uma conquista de todos. Mas o saber por saber, de que adianta? De que adianta sabermos para nós se nós não executarmos lá na nossa base, lá em quem nós estamos representando, qual entidade, qual pessoa? Endossando a vossa fala também com relação ao que o colega disse, que essa frase é para poucos, mas e a responsabilidade desses poucos que estão aqui, é guardar para si o entendimento dela ou é para levar para aqueles que realmente necessitam? Nós estamos aqui para olhar para o nosso umbigo ou nós estamos pelas pessoas que estão lá necessitando desse trabalho? E para finalizar, a última parte que fala que é um fruto da circunstancia deve e pode ser transformado. Por quem? Por nós que estamos aqui nesse momento, o momento é nosso, o momento de transformação depende de nós. Então é referente a isso que eu quero deixar essa mensagem, agradecer o convite do conselheiro, apesar que é para todo, mas a gente sabe da necessidade de participação nisso aqui. Deus abençoe nesse trabalho, que tenhamos êxito nesse dia de hoje. Muito obrigado.

F1: Mais alguém quer falar? Podemos passar para a parte seguinte? Tudo bem? Agora passo para a (Geni).

Geni: Para não ficar cansativo nem dar sono, nós vamos fazer a dobradinha aqui e depois daqui a pouco a gente chama qualquer um para assumir o comando. Gente, por que a gente agora vai se identificar para falar quem somos? Porque a gente queria primeiro que todo mundo externalizasse

qual é esse sentimento que a gente está hoje, e aí tiveram várias falas dessa necessidade que a gente tem de resgatar mesmo esse processo democrático. Garanto que ninguém, mas ninguém daqui quer deixar o país da forma que a gente está vivenciando. A gente não quer isso para os filhos, a gente não quer isso para os netos da gente. A gente não quer esse país, a gente não quer esse estado, a gente não quer esse município, a gente não quer a nossa comunidade do jeito que é, a gente tem medo do outro, a gente morre de medo do outro. E aí o que nós estamos fazendo? Estamos trabalhando as consequências, a gente levanta muro, a gente coloca arame farpado, a gente não conhece o outro, a gente não faz mais as coisas que algumas gerações fizeram, a gente não tem várias coisas e a gente está pensando que está evoluindo, "não, imagina, nós somos super evoluídos". Então nós precisamos desconstruir algumas coisas para a gente construir uma sociedade mais justa, uma sociedade mais humana e é até redundante falar, imagina, um humano ter que humanizar. Mas a gente está perdendo essas coisas mesmo, do bom dia, da tolerância que todo mundo falou aqui, a democracia tem muito isso, o espaço da conferência, o espaço do conselho é um espaço ricamente conflituoso e que a gente tem que aprender com esses conflitos, porque a gente aprende tanto quando um outro fala não para a gente. Eu sempre falo que eu adoro trabalhar com o inimigo, como é bom trabalhar com o inimigo. Sabe por quê? O amigo muitas vezes te poupa demais, então um monte de coisa ele não fala para você. O inimigo, quando você apresenta um projeto e lá está bem feliz, fala, "(Raquel), eu quero fazer isso, porque não sei o que, porque isso vai dar isso", ela fala, "vai, pode fazer". Ai vem o inimigo, que muitas vezes não é nem o inimigo, é aquele que pensa diferente e fala, "toda animada, pois quer fazer um jardinzinho ali, vai acabar com a planta dela". Então mostra

as coisas que você não consegue ver. Então muitas vezes é quando você olha para uma situação, você só vê desse lado, o outro está vendo do outro lado, que você muitas vezes não quer ver. Você está tão apaixonado ou tão desencantado, é igualzinho mulher, primeiro você pensa que a sua é cheia de defeito, aí você conversa com amigos e você fala, "não, eu vou ficar com a minha mesmo". Então agora nós vamos aqui para quem somos, e aí é bem gostoso a gente falar o nome da gente, aí quando todo mundo repete o nome da gente também e do jeito que vocês gostam de serem chamados, não precisa necessariamente ser o nome que está na identidade, quem quiser falar, "olha, eu gosto de ser chamada de fofinha, bonitinha", à vontade. Nós podemos começar rodando, que circula energia boa, ou podemos também, quem quiser se identificar, mas quando, por exemplo, a (Sueli) falar, "meu nome é (Sueli), mas eu gosto de ser chamada (Su)", aí todo mundo fala assim, "(Su)", dá um suspiro para falar bem da alma o nome do companheiro. Então toda hora que alguém falar o nome, a gente vai repetir, mas de uma forma bem gostosa. Nós vamos começar rodando? Então vamos começar a rodar do lado do coração. Dizem que essa mão é aquela que dá, dá coisas boas, e essa é a que recebe. Então sempre eu tenho que estar com essa aqui e essa aqui. Então nós vamos começar do lado do coração.

Ambrósio: (Geni), eu só estou com o microfone porque minha mão não pega. É que a (Geni) é minha amiga desde moleca. Meu nome é (Ambrósio), conselheiro estadual de saúde, segmento usuário pela (Fraternidade Cristã dos Doentes e Deficientes), segmento (Brasil). Estamos aqui na coordenação e vou direto, gosto que me chamem de (Mano Velho).

Sueli: Eu sou (Sueli) e gosto que me chamem de (Su).

Neuso: Eu sou (Neuso), e sou lá do (Pantanal Mato-grossense), venho do estado de (São Paulo), mas me enraizei ali no (Pantanal). E meu nome, houve uma briga quando minha mãe escolheu, porque ela escolheu (Neuso) e o padre achou que não podia, porque não tinha ainda nenhum santo com esse nome. Então eu estou querendo ser o primeiro, então meu nome é (Neuso) e eu gosto dele.

Marlene: Eu me chamo (Marlene) e me identifico como (Marlene), que é o nome que eu gosto, que eu fui batizada, que eu sou conhecida, que todo mundo me conhece como (Marlene).

Maia Sueli: Eu sou (Maria Sueli), educadora popular no campo, sou bióloga, amo práticas naturais de saúde, trabalhar nessa área é comigo mesma, principalmente com plantas medicinais, me identifico tranquilamente com (Maria), amo ser chamada de (Maria).

Ezelina: Meu nome é (Ezelina), sou conselheira estadual de saúde e gosto de ser chamada de (Ezelina).

Maria Dalva: Meu nome é (Maria Dalva), me identifico mais com (Dalva) desde pequena, mas eu gosto de ser chamada de (Maria Dalva), como ela falou, (Maria) para mim é (Maria).

Marcelo: Meu nome é (Marcelo), sou conselheiro também do estado e sou conhecido como (Marcelo), gosto de ser chamado de (Marcelo).

Leila Maria: Bom dia, meu nome é (Leila), eu já tive muito problema com nome, porque quando eu nasci, meu avô era árabe, ele me deu o nome de (Laila). Aí minha mãe correu, ela era brasileira, aí ela correu lá no cartório e me registrou como (Leila), (Leila Maria), e meu pai já tinha me registrado antes como (Leila), eu tive que entrar com um processo, mais tarde eu fui descobrir que eu tinha 2 registros de nascimento, 1 era (Leila), outro (Leila

Maria), aí prevaleceu o (Leila Maria), porque eu tinha que ter alguma coisa de santo, então eu amo ser chamada de (Leila Maria) e ninguém me chama de (Leila Maria).

Elisabete: Bom dia a vocês, eu sou (Elisabete), represento a (Federação das Santas Casas), sou conselheira estadual e gosto de ser chamada (Elisabete). Obrigada.

Elen: Bom dia, meu nome é (Elen Adriana), mas todo mundo me chama de (Elen) e eu gosto de ser chamada de (Elen) também.

Mara: Bom dia, meu nome é (Mara), eu também gosto de ser chamada de (Mara), simples.

Lúcia Helena: Bom dia, meu nome é (Lucia Helena) e eu adoro ser chamada (Lucielena).

Luciana: Bom dia, meu nome é (Luciana) e eu gosto que me chamem de (Lu).

Rodrigo: Bom dia, eu sou o (Rodrigo), eu sou da assistência farmacêutica do estado. Pode me chamar de (Rodrigo) mesmo.

Daniela: Bom dia, meu nome é (Daniela), eu sou da assistência farmacêutica do estado, eu gosto que me chamem de (Dani).

Jesse: Avisei a (Edivandi) que nós 2 vai dar problema. Meu nome é (Jesse), não é (Jessé), é (Jesse) mesmo do (bang-bang), (Jesse James), meu pai gostava. Sou engenheiro sanitário, ouvidor do (CREA) e sou do segmento trabalhador em saúde e representante do conselho estadual de saúde com vocês aqui neste dia. Então eu gosto de ser chamado de (Jesse).

Edivandi: Nós já tínhamos antecipado o problema, eu e ele aqui. Meu nome é (Edivandi), eu sou conselheiro estadual de saúde e representante do

movimento negro. Eu me chamo (Edivandi) porque lá em casa todo mundo é olhado no almanaque, então eu nasci no dia de (São Edivodio) [00:19:12], aí meu tio não sabia falar meu nome, foi uma confusão danada e não podia tirar todas as letras por causa do santo, mudaram as letras e eu fiquei (Edivandi). Algumas pessoas me chama de (Ede).

João Inácio: Meu nome é (João Inácio), eu represento o movimento ecológico no (Conselho Estadual de Saúde) e gosto de ser chamado de (João).

Elaine: Bom dia a todos. Eu sou a (Elaine), amo a minha mãe pelo nome que ela me deu, porque eu amo meu nome, gosto de ser chamada de (Elaine). Eu sou da (Secretaria de Estado da Saúde).

Tania: Bom dia a todos, meu nome é (Tania Costa) e gosto de ser chamada de (Tania).

Raquel: Bom dia mais uma vez, meu nome é (Raquel) e eu sou da (Comissão de Integração Ensino e Serviço), gosto de ser chamada de (Raquel).

Joanice: Meu nome é (Joanice), como pode ver, meu nome pode dividir em vários, que uma tia chama de (Jô), outros chama de (Joanice), outros chamam de (Ncinha), outros chamam de (Nice) e na secretaria chamam de (Jô) e eu gosto de me chamar (Jô).

Lilian: Meu nome é (Lilian), sou servidora do estado, (Secretaria Estadual de Saúde) e gosto de ser chamada de (Lilian).

Marcelo: Bom dia, (Marcelo). (Marcelo) mesmo. Eu represento o (Cerest). Xará do (Marcelo).

Edson: Bom dia a todos. Meu nome é (Edson), é a homenagem que meu pai fez ao (Thomas Edson) e eu gosto muito do meu nome, alguns me chamam

por (Edinho) também, mas eu gosto que me chamem de (Edson) mesmo, está bom. Obrigado.

Siriana: Bom dia a todos. Agradecer à (Dona Sueli) e (Geni) por essa oportunidade de criar esse pequeno elo de intimidade com o grupo, porque a partir do momento que você sabe de alguma coisa um pouquinho mais íntima da pessoa você já cria uma identificação, e isso é fantástico. Eu faço também parte da comissão organizadora dessa oficina e esse momento aqui pra gente está sendo palpitante, porque a nossa intenção é mesmo formar um grupo. E como (Geni) disse, esse é um momento muito difícil, porque está tudo muito borbulhando, assim como essa situação do país, as situações menores dentro da gente, elas acompanham esse mesmo ritmo. E parar nesse momento e ficar aqui vendo um pouquinho de cada um é quase impossível, mas isso está acontecendo e eu estou amando. Mas deixa eu fazer o que me pediram, meu nome é (Siriana), e se vocês me perguntassem 40 anos atrás como eu gostaria de ser chamada, hoje eu tenho 46, eu ia dizer para vocês, "eu odeio meu nome, não me chame de (Siriana)", porque vocês imaginem quantas derivações existem. E eu sempre fui magrela, alta, com esse nome esquisito, era briga todo dia na escola, era uma confusão e eu implorava para os meus pais mudarem meu nome. E o tempo foi passando, alguém um dia falou, "(Siriana Maria)", acho que foi na faculdade, fazendo biologia, aí ficou "(Siriana Maria)" e eu me apaixonei pelo meu nome com 32 anos de idade. E hoje muita gente me chama de (Si), (Siri), (Siri) não é bem-vindo, porque meu ex-marido me chama de (Siri) e eu já fico irritada quando ele fala "(Siri)". O atual marido me chama de (Siriana), meu bem e tal, já é mais gostosinho. Mas eu gosto muito que me chamem de (Siriana), é com s, e (Siriana Maria) eu gosto mais ainda. Beijo, obrigada.

Maria Cristina: Bom dia. Meu nome é (Maria Cristina), mas a minha família me chama de (Cris) e eu gosto que me chamem de (Cris).

Eliberto: Bom dia a todos, meu nome é (Eliberto), é assim que eu sou chamado. Não sei por que eu me chamo (Eliberto), mas me identifico com esse nome.

Antônio José: Bom dia, meu nome é (Antônio José Amorim), eu represento a (UFMUIT) no (Conselho Estadual de Saúde). O meu nome ainda é da tradição que nós tínhamos aqui de repetir nomes de avós e de bisavós. Então o meu nome é o nome do meu bisavô. Gosto que me chamem de (Antônio). Obrigado.

Adélia: Bom dia, eu me chamo (Adélia), represento o segmento trabalhador no (Conselho Municipal de Saúde de Rondonópolis). Meu nome quem escolheu foi meu pai por ser a filha mais nova. A minha irmã mais velha chama (Adelice) e ele falou, "eu abri com (Adelice) e vou fechar com (Adélia)". Eu gosto que me chamem de (Adélia).

Valdelice: Eu sou (Valdelice) e gosto de ser chamada de (Val).

Adriano: Meu nome é (Adriano), a história que meu pai conta do meu nome é que ele sonhou com esse nome e colocou esse nome de (Adriano) e ele se chama (Zélio), o último do alfabeto e eu sou o primeiro, então fica o A e o Z, então eu gosto de ser chamado de (Adriano).

Tiago: Meu nome é (Tiago), estou representando aqui o (Instituto de Saúde Coletiva) como graduação, estudante, eu gosto que me chamem de (Tiago Luiz), porque quando chama (Tiago), às vezes olham 3 para trás, mas (Tiago Luiz) às vezes viram só 2, é melhor. (Tiago Luiz).

Aqueslaine: Bom dia, eu estava ouvindo a história de vocês sobre o nome, eu estou ficando apavorada, porque acredito que seja única, meu nome é

(Aqueslaine Camargo), eu não sei a história do meu nome, mas o meu nome deu origem para os meus 2 irmãos mais novos, que é (Aquileide) e (Aquisdenis), na verdade ninguém me chama de (Aqueslaine), então em casa eu tenho um nome, em grupo da faculdade é outro nome e assim vai indo. Então eu gostaria que vocês ou me chamassem de (Aqueslaine), que eu gosto do meu nome por ser única, patenteado, e eu gostaria que vocês me chamassem de (Aqueslaine) aqui.

Gloria Antônia: Bom dia de novo. Eu sou (Gloria Antônia). Eu estou aqui porque nós fazemos parceria com (ANEPS), a nível nacional já faz muita parceria, e estou pela (Rede Educação Cidadã) junto com a (Articulação Nacional de Educação Popular). Sou peruana, estou há 15 anos aqui no (Brasil) e a maioria me chama de (Glória). Lá em casa me chamam de outro nome, de (Pequeniña), mas gosto que me chamem de (Glória).

Vilma: Bom dia a todos e a todas. Meu nome é (Vilma), gosto muito do meu nome, ele surte algumas brincadeiras por causa do personagem do (Fred), mas eu gosto muito quando eu ouço na rua, "(Vilma), cadê você". Então eu gosto de ser chamada de (Vilma)".

José: Bom dia a todos, quero dizer aqui a vocês, acho que eu sou o mais antigo, da (Associação dos Aposentados e Pensionista), dos mais antigos pela associação, do (AAP). Então a gente está aqui mostrando uma qualidade diferente de todos. Na época antiga, minha mãe contou depois que foi embora, que está lá com o (Senhor), pai poderoso, 7 dias para ela me colocar aqui nessa terra maravilhosa, meu nascimento, passou a bandeira de (São José), e aí a mamãe com aquela dor falou, "meu Senhor, se meu filho ou minha filha que nascer aqui vier a nascer já logo agora para terminar essa dor que eu estou passando aqui vai ter o seu nome, ou de

(José) ou de (Josefa). Pela glória de eu ser bem macho, não mais do que os outros, mas veio (José). Então meu nome é (José) com apelido de (Valvoline), uma propaganda do óleo, mas eu gostaria que todos vocês pudessem levar esse nome, (José).

Noemi: Bom dia, eu sou a (Noemi), trabalho na coordenadoria de promoção da saúde, na (SES), e em casa me chamam de (Nô), na faculdade me chamavam de (Mi), até hoje quando nos encontramos, falam "(Mi)", e a (SES) me chama de (Nonô), então gostando ou não gostando, vocês vão ouvir alguém dizendo (Nonô) e eu gosto também.

Leida: Bom dia a todos, meu nome é (Leida) e às vezes as pessoas me chamam de (Leda). Meu nome é (Leida Maria) e é assim que eu gosto de ser chamada.

Eliete: Bom dia, meu nome é (Eliete) e gosto de ser chamada de (Eliete).

Edna: Bom dia, eu sou (Edna), sou representante no (Conselho Estadual da Entidade dos Trabalhadores) e sou apaixonada pela ouvidoria, pelo (SUS) e eu gostaria de ser chamada de (Edna).

Monica: Bom dia. Meu nome é (Monica), sou da (Coordenadoria de Promoção da Saúde), eu adoro, sou apaixonada por ser chamada de (Monica).

Iraci: Bom dia, meu nome é (Iraci). Na minha casa todo mundo me chama de (Chica), que eu não sei de onde tiraram esse apelido, mas na (SES) me chamam de (Ira) e eu até gosto que me chamem de (Ira).

Aparecida: Bom dia a todos. Quero compartilhar com vocês que eu estou muito feliz de estar aqui nesse espaço, já tem algum tempo a gente na militância, desde a época que a gente era presidente da associação de moradores e esse espaço de discussão aqui a gente espera que cada vez

mais a gente se identifique e tenha responsabilidade de quem nós estamos representando aqui como a colega disse. Meu nome é (Aparecida), muita gente diz assim, "toda (Aparecida) tem (Maria), até me chamam, "(Maria Aparecida)", mas não é, é só (Aparecida). Na secretaria o pessoal me chama de (Cida) e às vezes, por brincadeira, quando eu vou me apresentar eu falo, "eu sou (Ciderrima)". Eu adoro ser chamada de (Ciderrima).

Adriana: Bom dia, meu nome é (Adriana), represento o segmento do usuário no conselho e gosto de ser chamada de (Dri).

Geni: Meu nome é (Geni), teve um momento que eu fiquei com raiva daquela música. O que que tinha que jogar na (Geni)? Só que eu tenho mais 2 nomes, eu tenho (Catarina) e (Francisca), então tem algumas pessoas que me chamam de (Quet), de (Catarina), de (Chica) também, então eu tenho a opção de muitas vezes falar, "não, meu nome é (Catarina)", quando nessa época de "joga tal coisa na (Geni)". Mas eu gosto muito de ser chamada de (Geni).

Eliane: Bom dia, meu nome é (Eliane). Eu gosto também de ser chamada de (Eliane) e tenho vários apelidos e gosto de todos. Tem apelido no trabalho, em casa, família, entre os amigos, então são vários apelidos. Vocês podem me chamar de (Eliane) e se depois quiserem inventar algum apelido, podem me chamar, porque eu gosto de todos os apelidos que me dão. (Eliane).

Giancarla: Bom dia, meu nome é (Giancarla), é 1 nome só, alguns me chamam de (Jean), amor me chama de amor, mas eu gosto que me chamem de (Giancarla).

Maurício: Bom dia, meu nome é (Maurício), gosto do meu nome, alguns próximos chamam de (Mau), outros (Maumau), mas na verdade eu gosto do (Maurício) mesmo. Obrigado.

Marisa: Bom dia, eu sou técnica da (Secretaria Estadual de Saúde), do controle e avaliação, me chamo (Marisa) e gosto do meu nome.

Marcione: Pode ser sentado também? Senão eu não vou me apresentar aqui. O meu nome, sinceramente, nem minha mãe sabe o significado, meu nome é (Marcione), não é nem (Marciano) nem (Marcionei), é (Marcione). É o nome que eu amo, que eu me identifico e gosto de ser chamado. (Marcione).

Sandra: Bom dia, meu nome é (Sandra). Na minha família tem um monte de (Sandra), (Marisandra), (Alessandra), tudo. Eu gosto de ser chamada de (Sandra). Obrigada.

Ana Maria: Bom dia, meu nome é (Ana Maria), uns me chamam de (Ana), outros de (Aninha), eu gosto de ser chamada de (Aninha), porque eu me acho pequena, mas me chama de (Ana Boabaid). Podem me chamar do que quiser, fiquem à vontade.

Luciana: Meu nome é (Luciana), então não tenho um apelido, é (Luciana) mesmo. Eu estou secretária do (Conselho Estadual de Saúde), vou apresentar o pessoal da área técnica, passar para eles se apresentarem também, então meu nome é (Luciana), gosto de ser chamada de (Luciana).

Lúcia: Bom dia a todos. Meu nome é (Lúcia), faço parte da secretaria executiva do conselho, estou como secretária da (Oitava Conferência Estadual de Saúde) eleita pela comissão organizadora, estou para contribuir com os trabalhos dos senhores.

Flávia: Bom dia. Meu nome é (Flávia), estou fazendo as vezes de assessora jurídica do (Conselho Estadual de Saúde) e gosto de ser chamada de (Flávia) ou de (Flavinha).

Isdenil: Eu sou o (Isdenil), aqui na (SES) todo mundo me conhece por (Nil) e gosto de ser chamado como (Nil).

Hilda: Meu nome é (Hilda) e pelas circunstâncias da vida eu tenho vários apelidos, (Hilda Furacão), (Hilda Minha Filha). (Hilda Minha Filha) até que é bem legal ou (Hildinha) também.

Jacildo: Bom dia a todos. Meu nome é (Jacildo), estou coordenador da plenária de conselhos de saúde e gosto de ser chamado (Jacildo).

Margarete: Bom dia a todos, meu nome é (Margarete). Quem escolheu meu nome foi minha avó paterna. Sou servidora da (Secretaria de Saúde de Estado). Bom, me chamam de (Marga), de (Ma), mas geralmente é (Margarete) mesmo.

F: A (Maria Clara) está correndo, não quer falar. Mas a (Maria Clara) está aqui, é minha neta, não teve aula hoje e está como colaboradora aqui.

João: Meu nome é (João), nós estamos dando apoio aqui na parte técnica e é isso. Eu gosto que me chamem de (João) mesmo.

José: (José).

Devanir: (Devanir). Pode me chamar de (Deva).

Rosemeire: (Rosemeire), pode me chamar de (Meire).

Geni: Gente, muitas vezes a gente pensa que essa forma de a gente se identificar, fala, "meu Deus do céu, que coisa mais chata, parece jardim de infância, mas dizem alguns terapias, principalmente as ocidentais, quando forma coró para falar o nome da gente, o lado esquerdo e o lado direito do cérebro despertam. E para quem acredita na espiritualidade e principalmente quando é na roda, quando todo mundo evoca o outro, a gente eleva o outro também. Então eu particularmente acredito muito

nessas coisas, quando o coletivo, quando está mais de 1 e evocam algumas coisas, então você também empodera o outro e empodera todo mundo junto. Então isso é um momento muito bom, mas vocês viram a riqueza que foi ouvir um pouquinho de cada um? Cada coisa exótica até que tem. Bom, agora a gente já vai para o quarto momento dos nossos trabalhos e a gente está trabalhando muito, mas que legal que nós estamos trabalhando com prazer. Aqui agora nós vamos pensar como estamos chegando. Como a gente está chegando? Quem quiser escrever, tudo bem. Aí a gente vai dar 3 minutos para escrever, refletir como nós estamos chegando, mas assim, como nós estamos chegando nesse momento. Quem quiser trazer algumas coisas da vida pessoal, do trabalho, tudo bem, mas agora é o cuidar de mim, como eu olho lá para dentro, me olhar, eu vou fechando o olho e olho lá dentro, meus afetos, minhas angústias, meus sonhos. Como eu olho para mim? Como eu estou nesse momento? Porque se a gente vai fazer um trabalho para o outro eu tenho que primeiro me cuidar. E aí nós temos que saber que nós somos cuidadores de vida e de sonhos, mas por acaso, como a gente está na saúde, a gente tem que cuidar também de dor, de sofrimento e de morte, infelizmente. E que a gente tem que aprender a dar dignidade para isso também e aprender com isso. Então nós vamos parar agora e como nós estamos chegando? nesse momento para fazer esse trabalho, como a gente está chegando? 3 minutos, aí se alguém falar que não deu ainda, que precisa de mais um tempinho, a gente pode... Escreveram ou pensaram? Como eu estou chegando nesse momento? Como eu vim nesse momento que a gente vai ter uma tarefinha para fazer? Como eu olho para mim nesse momento? De repente vai ter gente que vai precisar de ajuda, se a gente vai fazer um grupo forte aqui, se a gente vai fazer uma caminhada juntos e juntas na condução da conferência, aí ela

tem vários desdobramentos, nós precisamos saber como cada um estar para a gente cuidar primeiro desse grupo para depois a gente ir às empreitadas, que vão exigir muito da gente. Terminaram? Então nós vamos para a segunda agora. Eu vi como eu estou chegando, eu parei e olhei para mim, "hoje eu saí cedo, a cama estava gostosa, eu vim", "eu estou ansiosa, estou insegura", "não, eu estou louca para ir para a conferencia, porque é gostoso". Agora, como queremos sair daqui? Como eu cheguei e qual é a expectativa de vocês? Qual é o desejo que a gente quer sair hoje daqui? Nós vamos guardar agora esse material, essa nossa fala conosco nós vamos no final, no encerramento e vamos pegar e fazer uma reflexão e aí a gente vê o que a gente dialogou com a gente e depois a gente socializa e vai coletivizar com os demais. Nós vamos parar só um pouquinho agora para a gente entender e refletir sobre o tema da conferencia. Vocês sabiam que o tema da conferencia em um primeiro momento era para escolher só 1 eixo, era o tema central e 1 eixo. De repente houve uma mudança e criaram 8 eixos temáticos para a conferencia, e isso é um momento que nós vamos analisar, vamos refletir, vamos para os grupos e vamos trabalhar porque nós também vamos precisar definir se a gente vai trabalhar e de que forma, se a gente vai agrupar por afinidades, porque tem essa possibilidade de a gente trabalhar a realidade, se a gente vai pensar em trabalhar os 8 eixos, se a gente vai pensar em reduzir pela metade ou menos ainda, isso é um trabalho que o grupo vai ter que amadurecer e a gente tomar uma decisão e eu queria só chamar atenção para uma coisa, por mais que nós nos esforcemos, por mais que a gente dê o melhor da gente nesse momento, construir a metodologia, nós temos que entender que os municípios são entes federados autônomos. De repente tem município que não vai querer trabalhar na lógica que a gente vai recomendar, vai falar, nós sentamos,

discutimos, essa é a melhor maneira, nós vamos ter gente para apoiar a realização nas municipais, mas vai ter município que vai falar, "não, eu não vou querer isso, eu já decidi, a gente já sentou". Ótimo, a gente vai respeitar e a gente vai ajudar a conduzir. É evidente, com um olhar para não perder a riqueza do momento de uma conferência, principalmente o momento de ouvir a população, de escutar os anseios da população, mas entendendo que eles são autônomos assim como o estado também, de repente o estado fala, "não quero seguir essa temática, essa lógica da nacional", ele pode fazer, mas como ela tem um aspecto ascendente, é bom que a gente tenha também uma lógica da integralidade de continuidade de algumas diretrizes. Mas só para a gente depois não ficar frustrado, porque a gente fez esforço, abriu mão, veio aqui, aí chega no município, "não, não quero nem esse material", entendendo que isso é deles. Mas não significa que não vai querer, por exemplo, apropriar do nosso material, do nosso produto de construção seletiva que a gente também não vai respeitar o momento dele de fazer. E aí, como estava no (slide) anterior, antes era "saúde pública de qualidade para cuidar bem das pessoas", e o eixo temático era "direito do povo brasileiro", era um eixo, porque aquilo ali fala tudo, quando você fala de direito você fala tudo, não fala? Você fala de participação social, você fala da a tenção da saúde, do cuidado, você fala da questão de mais financiamento, você fala da questão da qualidade do acesso, você fala de qualificação dos trabalhadores, você fala dos espaços colegiados, é tudo ali. Aí houve um aprofundamento e se definiu no pleno do conselho nacional que esse eixo temático em um primeiro momento passaria a ser também complemento do tema central da conferencia. Se a gente for parar só para refletir o que esse tema traz a gente vai ver que ele traduz tudo que a gente falou no início aqui sobre conferencia ou esse momento de construir e

aquela reflexão do (Paulo Freire) também lá. Olha lá, "saúde pública de qualidade para cuidar bem das pessoas". Eu só cuido do outro, eu só cuido do outro quando eu respeito o outro e toda diversidade possível que ele tem. Eu posso não gostar de determinada coisa, mas é dele, aquilo é dele e eu tenho que respeitar. E tem que trazer essas pessoas para o espaço que eu conheço também de uma forma que ele seja inteiro. Eu não posso querer que as pessoas venham conviver comigo pela metade, eu não gosto disso. Então não vou tratar e principalmente entendendo que saúde não é benefício, que saúde não é mercadoria, a saúde a (Constituição de 88) demarcou e o estado democrático de direito do (Brasil) consolidou isso na carta maior, que é a constituição, que é direito. Então essa coisa de a gente muitas vezes pensar, "eu vou colocar aqui para eu atender 10 usuários, se ele faltar 3 vezes ele perde a vaga". Isso não é direito, ele só vai sair do meu vínculo se ele for curado ou então ele for controlado. E se ele for ainda da minha área, do meu território, ele nem sai, ele pode sair lá da referência, do hospital, se ele for da minha área, do meu território, de onde ele vive, até depois da morte eu tenho vínculo ainda, eu sou cuidador. Então essas coisas de a gente ficar colocando limite para cuidar do outro fere aquele princípio que a gente coloca ali no temário. E aí o que nós vamos aprofundar? Esse tema "saúde pública e qualidade para cuidar bem das pessoas, direito do povo", ele vai passar por todos os eixos que a gente for ver. A gente vai abordar, por exemplo, quando eu abordar o eixo 1, "direito à saúde e garantia de acesso, atenção e qualidade", eu tenho que saber que eu tenho que trazer a questão do direito em todos os aspectos e eu não posso pensar saúde só quando as pessoas vêm atrás de mim, só quando eu vou lá à unidade, então eu tenho que pensar quais são as ações que garantem essa questão do direito que vai para além do setor saúde.

Inclusive coisas que você muitas vezes nem para pra pensar que é determinante no setor saúde. Vamos supor, se eu estou andando lá na (Praça Ipiranga) e alguém começa a gritar, colocar um microfone e gritar ali, fala assim, "olha, eu vou sair daqui", e isso afeta a saúde da gente também. Então a questão de ouvir muitas vezes coisas que agridem a questão ética da gente afetam também. As relações no trabalho, as relações na família, com o marido, na escola. Outra questão que é a participação social, que é o espaço da conferência, do conselho, das audiências públicas, da ouvidoria, como a gente vai repensar isso para a garantia do direito, que a gente não está fazendo favor para o povo, que a gente está cumprindo um preceito legal lá da (Constituição), da carta magna. Valorização do trabalho e da educação e saúde. Tanto a valorização do trabalhador quanto do trabalho para o outro, como o meu trabalho passa a ter valor de uso para o outro, como eu consigo ver que na minha produção do cuidado eu vou além só de cumprir minha carga horária ou ser remunerada, mas como aquilo também é prazeroso para mim e quando chegar, por exemplo, domingo, 9 horas da noite, quando acabar a musiquinha do (Fantástico) eu falo, "meu Deus do céu, amanhã é segunda-feira". Mas como eu falo, "amanhã é segunda-feira, eu vou lá e vou cuidar, a (Dona Maria) vai ao meu serviço, eu vou ver, a filha dela é adolescente, eu preciso sentar com eles, conversar a questão da gravidez na adolescência, olha que o oportunidade boa". Como a gente faz isso também, que passa a fazer uma conversa, a valorização do trabalho, educação e saúde com a questão do direito à saúde. Financiamento do (SUS) e a relação público e privado. Isso aqui é danoso, gente do céu, eu tenho até medo, porque estou com 53 anos, se é verdade que a gente vive até 73, eu já gastei bastante do meu. Se eu não der conta de fazer algumas coisas, lá em cima na prestação de contas vou estar

fuzilada. Então é essa a questão do financiamento do (SUS) na relação pública e privada a gente tem que ter um olhar. Não que o público tem que ser visto como bandido, mas como se estabelece essa relação, a gente não poder mais permitir que a doença seja vista como mercadoria, não dá mais. As relações do (SUS) públicas e privadas têm que ser voltadas, por exemplo, se eu tenho que prestar serviço de qualidade, então eu também tenho que ver o que oferta. E tem outra, qual é a regra do jogo, o que eu pactuei, o que eu negocie e cumpra isso. Pessoal da auditoria vai dar uma boa ajuda para a gente ver algumas coisas. O financiamento do (SUS), nós temos que repensar financiamento sobre 2 lógicas, como a gente usa bem o dinheiro que tem e como a gente capta mais recursos, porque a gente sabe que é insuficiente, mas também nós temos que fazer o exercício de usar bem o que tem. Não dá para a gente pensar financiamento como se fosse uma fonte que tem que cair e que não sai do bolso da gente. Todas as vezes que é mal usado o recurso os impostos vão aumentar e a gente tem que pensar para dar conta disso. Então como a gente utiliza isso. E assim, umas coisas que a gente tem que discutir lá com a comunidade mesmo, como que muitas vezes eu chego e quero fazer 3 tomografias ao ano, que muitas vezes a equipe tem que fazer um cuidado bem gostoso. Perguntar para mim o que eu sinto, "mas por que eu sinto dor de cabeça todo final de mês?". Mas por que você tem dor de cabeça intensa no final do mês? Muitas vezes o salário não conversa com o final do mês, ou o mês está muito comprido ou o salário muito curto. E aí fica aquela ansiedade, aquele desespero, porque as contas chegam. Na realidade a gente só renova a conta, a gente não dá conta de eliminar. Então como eu lido com isso sem precisar acionar uma tomografia que eu uso contraste, que eu uso radiação e aí essas coisas têm a ver com o financiamento também, só que nós temos que ter uma

linguagem de traduzir isso no cotidiano para as pessoas, como a gente utiliza bem o que está disponível e não se expõe, não entra na onda do consumismo também para não virar o financiamento um saco sem fundo também. A gestão do (SUS) e modelo de atenção à saúde, que forma de gerir, de fazer gestão desse (SUS) nós estamos fazendo hoje? E aí nós não podemos só culpar o gestor, porque quando eu estou lá na minha sala atendendo alguém, 50% da autonomia é minha. Se (Dona Maria), que mora lá na zona rural, que são 70 quilômetros, que ela chega 10 e meia, que ela não tem obrigação de saber que hoje é só dia de hipertenso, só dia não sei de que, se ela chegar 10 e meia eu não tenho que falar assim, "olha a hora que a senhora chega, não tem mais ninguém aqui para atender". Isso é fazer gestão também, não é entender a gestão só como quem tem cargo comissionado, como eu faço gestão dos meus processos de trabalho dentro da minha unidade e também atenção à saúde ter esse cuidado, como eu cuido das pessoas. Como pode a gente olhar indicador e ver mulheres chegando com 7 meses de gravidez para a primeira consulta e eu tenho uma equipe para cuidar, a gente que vai, técnico de enfermagem. Como pode? Onde está a invisibilidade dessas pessoas que nós somos cuidadores? Então nós temos que pensar a questão da atenção à saúde, o cuidado das pessoas em uma lógica que a gente possa refletir para avançar e melhorar. Como a gente cuida das pessoas? "Mas a gente fala para tal pessoa e ela não vem". Não, nós que temos que ir lá. É o gestor, é a comunidade cobrando, é trazendo. E como a gente faz também essa gestão de saúde que as unidades da gente não sejam vistas como coisa obrigatória, que as pessoas vão lá... e aí também como a gente vai à unidade, "eu não estou com nada não", aí eu vou lá à unidade, "que legal que você veio", ela entendeu o sentido "unidade de saúde", não é unidade de doença. Aí

muitas vezes quando a gente chega lá que não tem nada e ela fala, "(Edna) só veio aqui conversar, não tem nada e a gente com um monte de coisas para fazer". Que bom que (Edna) entendeu que lá é unidade de saúde, não é só de doença, eu não tenho que ir lá só quando eu estou doente. A questão da informação, isso é fundamental, como a gente lida, e aí a educação popular é um parceiro que a gente desperdiça. Nós temos uma potencialidade com a educação no movimento popular que tem uma lógica de fazer um diálogo bem verdadeiro e a gente não utiliza na saúde, a gente ainda deixa a educação popular como se fosse uma coisa acessória, e na realidade é primordial, é o espírito da relação, da saúde com a comunidade e a gente não consegue ver isso. Na informação então, a educação em política de comunicação no (SUS), como a gente comunica diferenciado com as pessoas. Muitas vezes até para a gente se sentir importante, ontem nós estávamos fazendo um exercício do poder, como eu manuseio o poder, mas como é a comunicação. E na saúde a gente enche de siglas, porque a gente fala, até quebra a língua de tão bonito que é, aí tem vezes que tem gente que não entende nada, meu Deus do céu. Ciência e tecnologia, inovação no (SUS), como a gente tem que entender isso e até muitas vezes questionar algumas coisas. Muitas vezes esse excesso de tecnologia é que nós vamos afastando do cuidado, da humanização. Tem vezes que a pessoa nem olha para você. Você entra no consultório, vou pedir algo. Tem um município, (Novo São Joaquim), eles falam que é o melô do (au-au). Tem 2 médicos que entram aí eles falam assim, "ao neuro, ao otorrino, ao...", aí fala assim, "é o melo do au-au", não olha para as pessoas, porque "eu vou pedir uma ressonância, eu vou pedir uma cintilografia", nem conversa, nem olha muitas vezes. Então a incorporação da tecnologia é importante? É. Mas ela não pode ser banalizada, nós não podemos deixar muitas vezes que essa

inovação também ocupa espaço que é da relação do cuidador com o cuidado. Agora, é importante que algumas tecnologias venham para o (SUS) também, por exemplo, tem vários exames, tem um tal de (PET CT), é um exame que ele vê também a parte de linfo, não é só o osso. Por exemplo, é um diagnóstico preciso para câncer e ele não é incorporado. Só que a resolutividade dele é bem maior, é evidente que tem que ser muito bem indicado porque todos esses exames que são radioativos são muito perigosos também. Na saúde mental tem vários medicamentos muitas vezes que não causam, que você pode tomar 1 comprimido ao dia, muitas vezes você toma 3 e muitos ainda engordam, várias coisas para a pressão alta. Tem homem que muitas vezes prefere ficar com pressão alta e não ficar impotente. Então tem que analisar a incorporação de novas tecnologias, mas que facilitam a vida das pessoas, não é da lógica do mercado, "eu vou inserir, nem é necessidade, mas eu comprei isso aqui e eu quero inserir no mercado", então como eu vou inserir isso no mercado pensando em que eu estou fazendo no bem coletivo, não pode ser individual ou de grupo. Há reformas democráticas e populares no estado. E aí por que a gente tem que entender o que nós precisamos mudar, quais são as relações que estabelecem hoje em termos de democracia, e aí o estado sendo maior do que governo, porque governo passa, o estado está reformado e tem uma responsabilidade muito grande com o seu cidadão. Então nessa lógica a gente vai discutir os temas, refletir os temas e pensar também... você vai colocar a proposta que já veio da nacional para agregar? Porque tem uma proposta discutida para agregar, aí você já podia colocar.

F: Senhores, a lista de presença parou na mão de alguém? Obrigada, (Adriana). Quem não assinou, a gente vai devolver para poder ter oportunidade. Só 1 esclarecimento, o nosso objetivo aqui hoje além de

trabalhar a metodologia em si da conferencia, apresentação dos eixos, vocês viram que durante a apresentação tem conselheiros municipais, tem representante de entidades, técnicos da (SES), então a nossa intenção é formar primeiro um grupo apoiador da (Oitava Conferencia Estadual de Saúde). Ao final dos trabalhos que estão sendo conduzidos pela (Dona Sueli) e pela (Geni) nós temos subcomissões a serem preenchidas, eu vou ler o nome delas, mas isso nós faremos ao final para que, ao longo do trabalho das meninas vocês possam ir também direcionando o pensamento de vocês em qual subcomissão vocês gostariam de integrar. Então nós temos subcomissão de orçamento e finanças, subcomissão de mobilização e articulação, subcomissão de comunicação e informação, subcomissão de infraestrutura, subcomissão de relatoria, subcomissão científica e aí vem assessoria jurídica, apoio administrativo, assessoria de comunicação. A nossa intenção é instruí-los para que todos nós tenhamos conhecimento básico e necessário para os trabalhos operacionais da conferencia, a ideia é que grande parte desse grupo aqui vai trabalhar na operacionalização do evento em si, outros vão trabalhar na assessoria junto aos municípios, ou seja, vão surgir vários momentos. A nossa intenção é criar essa unidade para que os técnicos todos que estão aqui, todas as pessoas que estão aqui, se surgir uma oportunidade, uma necessidade de auxiliar (Rondonópolis), (Cáceres), a gente poder contatá-los e ver quem pode colaborar, mas também estamos contando com todos que estão aqui para a parte operacional do evento. Então cada um aqui tem uma expertise, nós trouxemos meninas que mandam bem na parte de informática e a intenção é somar os esforços e aproveitar o conhecimento de todo mundo. Ao final do período da tarde, provavelmente é que nós vamos formar essas

subcomissões, então vocês já vão fazendo os links para ver o que vocês gostariam de colaborar. Obrigada.

Geni: Gente, a partir dessa discussão de repente eu tenho mais afinidade para trabalhar na relatoria, outro, "eu tenho mais facilidade para trabalhar na articulação, eu gosto de fazer articulação, mobilização", que é um momento importante da conferência, aliás, primordial, o primeiro disparador de uma conferência é a mobilização e articulação. Então eu já vou pensando em onde eu vou sentir que eu tenho afinidade. Ter afinidade não significa que isso é sacramentado, que eu tenho afinidade com isso, então tenho que ser eterno, eu não posso fazer outra coisa. É gostoso também aprender outras coisas novas. Então se eu gosto disso, mas eu quero experimentar o novo, eu quero fazer uma experiência, acho que eu vou para isso aqui. Eu não entendo direito disso aqui, mas eu vou, aí eu vou me ressignificar também algumas coisas. Então aí você já pensa e amadurece. Aí a gente pensou nesse momento em ir para o grupo e eu perguntei para a (Su), ela falou de fazer 4 grupos, aí a gente vai ficar aqui, ali fora e discutir, vou já passar para você, aí já vê a questão dos grupos e a divisão dos temas. Acho que eu vou até digitar ali.

F: Então, a gente pensou em juntar em 4, senão depois fica muito grande. E teve a plenária nacional de conselheiros e eles fizeram isso também, juntaram 4 grupos que ficaram da seguinte forma, gestão estratégica e participativa e participação social, gestão do (SUS) e modelos assistenciais, juntou esses em 1 só. Aí o segundo, infraestrutura, ficou ciência, tecnologia e inovação do (SUS), informação, educação e política de comunicação no (SUS). E o terceiro que é modelos de gestão ficou reforma democrática e populares no estado, financiamento do (SUS) e relação público privado, valorização do trabalhador e da educação em saúde, esse ficou o terceiro

grupo. A gente vai tirar e dar. Modelo de atenção à saúde, ficou direito à saúde, garantia de acesso e atenção de qualidade. Podemos trabalhar assim, em 4 grupos? Você está pensando em digitar? Então, tem a proposta que ela falou por afinidade, mas eu acho que se for por afinidade pode correr o risco de ficar um grupo enorme e outro com 2, 3. Aí tem a proposta da (Marlene) de contar e aí fica o grupo. Eu coloquei a proposta.

Leila: Eu penso que 8 eixos vão ser muito para os municípios trabalharem. Eu estou no (Conselho Municipal de Saúde de Cuiabá) e a gente pensou muito, discutiu com o apoio da (Geni), também conselheira, e a gente dividiu em 4 eixos e eles agrupam muito bem os demais. Só que (Cuiabá) fez um pouquinho diferente do que foi proposto na plenária, mas isso fica a critério de cada município. Agora, que ele vem otimizar gastos, até pessoal para participar desses grupos, você põe 8 grupos, 8 salas, 8 (data shows), é um gasto desnecessário e que a gente não tem. E também a gente trabalhou em (Cuiabá), eu estou falando de (Cuiabá) porque é no qual a gente está participando. Nós dividimos as etapas, nós criamos as etapas regionais que a gente denominou, então nós dividimos nosso território em norte, sul, leste, oeste e também a parte de zona rural. Eu acho que vai ficar muito bom, porque a gente vai ter aquele momento de construir no nosso município as propostas de forma ascendente, vem da zona rural, vem da região leste, da oeste, da sul, da norte, aí a gente consegue realmente escutar o anseio da população.

F: Juntando a fala da (Leila), nós da (Educação Popular) também vamos fazer as conferencias livres, que ajudam na discussão e fortalecem a participação democrática e popular.

M: Deixa eu fazer só uma outra observação na questão da regionalização? Na coordenação nós discutimos também uma figura fundamental dentro do processos que seriam os escritórios regionais e a gente articulou de todas as formas para que a gente pudesse estar aqui hoje. Não foi possível, mas está deliberado que no dia 14 eles terão outro momento para também participar dessa situação para dar o devido apoio nas regionais. E há uma outra observação que o (Conselho Estadual de Saúde) vem estudando há muito tempo, a gente já até colocou no (PTA), mas não conseguiu fazer, essa questão da regionalização. E é fundamental, acho que dessa conferencia provavelmente deve sair essa provocação novamente para que se constituam os representantes regionais para que se tenha uma melhor representatividade. A gente tem que desenhar esse boneco de forma bem expressiva para que haja representação das regionais também.

F: Em relação à questão que a (Leila) e a (Ana) colocam, se a gente vai colocar esses eixos ou se a gente vai trabalhar como (Cuiabá) agregou.

F: Até para resgatar as conferencias, na décima primeira conferência foi institucionalizado justamente o (IEC), que era a junção de 3 áreas, informação, educação e comunicação, que chegava com a saúde através da cultura popular e aí está separando a educação, e essa junção é muito boa se a gente puder juntar.

F: Por exemplo, por que (Cuiabá) optou, essa plenária vai construir agora a partir dos seus olhares e reflexões, por que (Cuiabá), por exemplo, não deixou no primeiro eixo a questão da participação social separado da reforma do estado, a reforma democrática e reformas populares, porque participação social está intimamente ligada com a questão das reformas democráticas e com a questão da participação popular. Então nesse eixo,

por exemplo, do controle social, a gente entendeu que a gestão do (SUS) permeia, mas isso tem muito mais a fim, e aí a gente tem algumas coisas lá que falam, "gestão e atenção". Se tem um eixo que vai trabalhar gestão, nós colocamos tudo gestão por quê? Para a gente não ficar fragmentando toda hora. Então a gente fez por afinidade para a lógica de raciocínio, porque nós temos que pensar que muitas vezes tem pessoas que não vão estar em outro grupo, então se eu vou discutir um pedacinho aqui, outro discute... porque na plenária que nós vamos ter do grupo, do grande grupo, que não é ainda deliberativa de proposta, aí você socializa, "eu pensei nisso", porque senão ia fragmentar demais, e isso que (Leila) trouxe também, 8 grupos a gente corre risco, e principalmente nas regiões, por exemplo, região sul e região norte, lá no (Distrito da Guia), na zona rural que vai ter, a gente corre risco de ter um grupo que vai ter 1 ou 2 pessoas, a gente perde a riqueza do momento. Então para não fragmentar muito. O (SUS) já é muito cortado, quem cuida do meu dedo não cuida da minha mão, não cuida do meu braço, não sei o que. Então também não repetir isso nas conferências, mas vocês vão discutir e vão ver a pertinência disso, o que a gente quer realmente.

F: Vamos então trabalhar da forma que (Cuiabá) definiu? Mas é que cada estado e município, é aquilo que a (Geni) já colocou, a gente não vai deixar de discutir, mas a forma de agregar o entendimento, cada município, cada conferência tem essa liberdade, é isso que a gente está colocando. Não vai deixar de discutir aqueles eixos, mas a forma de agregar eles é que se deu diferente, só isso. Então como a gente faz? A gente conta 1, 2, 3, 4 ou a gente vai por eixo? Mas na hora de discutir dilui, (Flávia), não fica.

F: É uma recomendação da nacional que discutiram e que teve, mas não significa que se vocês entenderem que tem algumas coisas que ela no eixo

dá muito mais peso do que na outra e não fragmenta, aí também é uma coisa que a gente vai trazer para o debate coletivo, "olha, é isso aqui". Então isso aqui é uma recomendação, porque eles colocam "atentar para o coletivo de cada estado e nos municípios também".

F: Vai ficar assim, então nós vamos votar agora se a gente faz 1, 2, 3, 4 ou se por afinidade. Quem é a favor de 1, 2, 3, 4, que se manifeste levantando a mão. Quem é a favor de formar os grupos, os 4 grupos contando 1, 2, 3, 4, que se manifeste. A outra opção é de ser livre, você vai no eixo ali que quer, por afinidade. Gente, a subcomissão para o evento é diferente, não está uma coisa já definida, então se o grupo, por exemplo, o grupo 4 ficar muito grande, a gente vai ter que fazer o remanejamento para não empobrecer o outro grupo.

F: Pessoal, às vezes a gente tem afinidade com determinado tema e não tem com o outro, é uma oportunidade também, uma possibilidade de enriquecer. Então essa forma de contagem é interessante por isso também, senão a gente vai cair na mesmice de estar no ar-condicionado ligado e definindo coisas que muitas vezes não condizem com o todo.

F: O eixo 1, quem quer ficar no eixo 1? Com a corajosa aqui.

F: Atenção, grupos, para cada grupo que for montado para os eixos será disponibilizado um (notebook) com o regimento da nacional no (desktop) [01:29:05] para vocês poderem se orientar.

F: Eixo 4, o 4 aqui. 3 aqui, (Eliberto), 3 lá. O 2 aqui. Gente, só para a gente se identificar, o 2, o 3, o 4 e o 1 aqui. A 3 está ali. 4 é aqui, isso mesmo, aqui. Gente, o eixo 4 vai precisar de solidariedade. Ele está como gestão do (SUS) e modelo. É no 1. Isso é recomendação, mas pode mudar.

F: Agora que já estão organizados nos grupos a gente precisa que em cada grupo retire 1 facilitador da conversa para não ficar 1 pessoa só ou 2 falando e 1 que vai digitalizar, o relator. Aí já chega o (notebook) [01:33:16] aí. E a gente vai trabalhar até meio dia, aí para para o almoço e volta. Então é muito importante que quem está no grupo retorne à tarde para continuar a discutir.

[01:34:29]



audiotext

Audiotext Serviços e Cia. LTDA

CNPJ: 17.429.373/0001-85

(41) 3363-3220

atendimento@audiotext.com.br

audiotext.com.br